



## **EDITORIAL**

**Corpo editorial  
Revista Sala Preta**



## Editorial

A *Revista Sala Preta* encerra o ano de 2023 com um número composto pelo dossiê *Espacialidades e Visualidades na Cena Expandida* e um par de artigos publicados em fluxo contínuo. O dossiê presta uma homenagem ao professor e artista Marcelo Denny, que nos deixou em 2020 e cujo legado marcou de maneira contundente o Departamento de Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e as áreas de pesquisa nas quais atuava. Para abrir este número, publicamos a última aula ministrada por Denny no contexto da pós-graduação, uma semana antes de sua morte: “O que podem os corpos?” – uma aula da qual ele se orgulhava e que conjugava em sua estrutura hiperlinks, imagens, vídeos e múltiplas referências, como era habitual em sua prática. Essa aula é apresentada em formato de texto, em uma homenagem redigida e organizada por seu amigo e parceiro de criação e pesquisa, Marcos Bulhões<sup>1</sup>.

Acontece que uma aula não se resume a um texto. A enunciação do professor é apenas uma parte daquilo que a constitui. As aulas de Denny eram pautadas em amplo referencial imagético, em uma rica profusão visual, capaz de dar cor e forma às visualidades analisadas, de modo que seus enunciados revelavam seu gosto por garimpar documentos sobre o campo expandido das Artes Cênicas. Era um curioso incansável, que acumulava documentos relacionados às Artes da Cena como quem coleciona provas de um crime. Toda aula pode ser considerada uma performance; a potência de suas aulas performava entrelaçamentos de referências artísticas, conhecimentos filosóficos, erotismo e humor. Publicar este dossiê em sua homenagem é um modo de valorizar esse tipo de conhecimento acadêmico, essa busca por alguma materialidade da expressão artística, um modo de apreender a efemeridade da cena expandida e da performance. Para fazer jus a esse exímio colecionador, junto ao texto disponibilizamos imagens, links para vídeos e

1 O editor contou com o apoio técnico do bolsista do Programa Unificado de Bolsas de Estudos para Apoio à Formação dos Estudantes de Graduação (PUB/USP) desta revista, Pedro Henrique Chaves Bueno, na organização das notas de rodapé e referências utilizadas ao longo da aula, com a transcrição iniciada por Arianne Vitale e finalizada por uma equipe de bolsistas PUB/USP e com a edição do vídeo da aula pelo também bolsista do Laboratório de Práticas Performativas Igor Amarante.

para um trecho da própria aula que foi gravada pela plataforma Zoom, uma vez que já estávamos imersos na crise sanitária da covid 19 e as aulas estavam sendo ministradas virtualmente.

Apresentaremos a seguir os artigos publicados neste número, revelando em que medida cada um deles se volta para a discussão sobre as *Espacialidades e Visualidades na Cena Expandida*.

Em “ECDYSIS: embalagens, maquiagens, mortalhas, entre outras linguagens do corpo-máscara”, Erika Schwarz aborda estratégias de mascaramento de teor performativo, que esgarçam a noção tradicional de figurino para enfocar relações arte-vida na criação de composições corpo-máscara.

Já em “Espaço-tempo fluido: entrelaçamentos entre a cenografia digital, performance e animismo”, Christiane da Cunha discute a cenografia digital a partir de perspectivas animistas no que tange as cosmologias ameríndias, negro-africanas e afro-brasileiras. A autora aborda a cenografia digital por um viés não normativo, friccionando-a à noção de performance, através das relações propostas pela obra transmídia do coletivo Kawin – fruto da colaboração entre Cunha e o togolês Anani Sanouvi.

Por sua vez, em “Atuação-entre-meios como prática de expansão do campo cênico”, Marília Guimarães-Martins enfoca procedimentos implementados no processo de montagem de *A pink chair (in place of a fake antique)*, do norte-americano Wooster Group, e discute o alargamento da noção de atuação na obra do grupo, caracterizada pelo entrecruzamento entre corpo e mídias de som e imagem.

No artigo “Espaços para conversar: a espacialidade como dispositivo dramatúrgico convivial”, Marcos Coletta apresenta uma discussão que imbrica espacialidade e dramaturgia em alguns espetáculos contemporâneos, a partir de uma breve retrospectiva histórica que revisita a explosão do espaço teatral no século XX. Essas espacialidades, pensadas como ambientes compositores, colaboraram para uma dinâmica convivial e performativa e acentuam a relação entre atores e espectadores.

Em “Ensinar a distração: Walter Benjamin, técnica e performance em *Ofereço companhia* (2016-2017), de Anna Costa e Silva, *Outra identidade* (2003-), de Ana Teixeira, e *Trabalho normal* (2017), de Claudia Müller”, Renan Marcondes Cavales analisa três performances de artistas

contemporâneas brasileiras que se debruçam sobre o tema do trabalho. O autor apoia-se na teoria de Benjamin para analisar seu viés político, de modo a enfocar as escolhas formais, e não somente a participação do público. É justamente o uso de elementos relacionados ao mundo do trabalho dentro do campo artístico que convida público e artistas a experimentarem, de forma crítica, modos de distração conjunta.

Joana Dória faz uma revisão das teorias atreladas à arte participativa no contexto da cidade em “Caminhar sobre solos movediços: arte, participação e espaço urbano”. A autora aborda dispositivos desenvolvidos pelos coletivos OPAVIVARÁ! e OPOVOEMPÉ, bem como pelo projeto *Lotes Vagos*, para enfatizar o aspecto provisório dessas práticas participativas no percurso dos territórios das cidades.

Já Murilo Moraes Gaulês reflete sobre uma ação performativa e seus desdobramentos políticos, estéticos e visionários no artigo “*FRACTO 111: uma experiência sobre estéticas insurgentes e o abolicionismo penal*”. A criação analisada reforça as relações entre arte e vida, revelando o engajamento das visualidades da cena na luta antiprisional e abolicionista penal, a partir da metodologia das ficções visionárias, elaborada pela artista e abolicionista penal Walidah Imarisha.

Apresentamos a tradução de Cynthia Gusmão do texto “Ampliar o visível: a lógica do som e da cor”, do professor Enrico Pitzozi, do Departamento de Artes da Universidade de Bolonha. Nele, o autor aborda as relações entre imagem acústica e imagem visível na obra do encenador italiano Romeo Castellucci e da *Societas Raffaello Sanzio*, em parceria com o compositor Scott Gibbons, valendo-se de aspectos da teoria das atmosferas de Gernot Böhme.

Contamos ainda com a entrevista “Teatro da PombaGira, origens e dinâmicas de criação”, realizada por Douglas Ricci com um dos grandes parceiros de invenções de Marcelo Denny: Marcelo D’Avilla. Outros artistas do Teatro da PombaGira, Denise Fujimoto e Renato Navarro, tecem comentários em notas de rodapé sobre suas respectivas contribuições para as visualidades e sonoridades das criações do grupo. O teor dessa entrevista nos revela algo muito particular sobre o professor homenageado: seus processos de criação e de aprendizagem ultrapassam os limites das salas de aula e ensaio, estendendo-se para espaços como as mesas dos botequins, os chats,

os aplicativos de relacionamento e as festas. Com essa entrevista, encerramos o dossier *Espacialidades e Visualidades na Cena Expandida*, publicando alguns textos dissidentes, indisciplinados, marginais e talvez até mesmo “vulgares” que escapam a certa assepsia esperada dos contextos de pesquisa.

A presença de Marcelo Denny sempre evocou rebuliço nos corpos e expansão das possibilidades de criação e existência, trazendo potência para distintas identidades e sexualidades e expandindo os olhares ao observarmos os rastros e os vestígios deixados pelos artistas da cena expandida do nosso tempo. Sua permanência no Departamento de Artes Cênicas da ECA-USP carregou os corpos e as arquiteturas de cor, imagens e erotismo (aquele mesmo evocado por Audre Lorde em *Os usos do erótico*). Seus ensinamentos ainda rompem com os padrões estabelecidos, desnudam os corpos, convidam a pensar em outras delimitações para a vida e ressoam como gritos contra a caretice acadêmica e artística.

Publicamos também neste número dois artigos em fluxo contínuo – textos cujos campos investigativos dão suporte a muitas das expansões operadas pelas espacialidades e visualidades da cena expandida. Nesta seção, contamos com o artigo “A luz e a visibilidade: uma reflexão sobre o processo da percepção visual, da luz ao olho e do olho ao cérebro”, de Cibele Forjaz Simões, que introduz os fundamentos e trajetos da percepção visual para analisar a natureza da luz e propor a iluminação cênica como uma orquestração de visualidades. Também contamos com o artigo “Operários da cena: a divisão e a organização do trabalho cenotécnico”, de Berilo Luigi Deiró Nosella e Priscila de Souza Chagas do Nascimento, que desenvolve a noção de cenotecnia como fator importante da criação teatral, para além de suas questões estritamente técnicas.

Corpo editorial Revista Sala Preta

Alessandra Montagner, Henrique Rochelle, Lucienne Guedes, Marcos Bulhões, Sofia Boito, Suzana Schmidt Viganó e Verônica Veloso.